

TUM

Tum, tum tum, tocava viola assim, o Zeferino, como quem toca bombo. Era como um maestro tipo Von Karajan que executasse sinfonias de Zés Pereiras, ou Gigantones, do cimo de andas que o impunham, bem acima das cabeças do povo, ao mesmo tempo gargalhudo e respeitoso: é isso, é necessário pedir a um destes investigadores de neurociências que nos esclareça as relações Povo/Zés Pereiras! Isto porque os Zés têm importante papel como palhaços gerais, baratos, inofensivos, mas têm algo que os faz grandes, para além da sua natureza, são pequenos-gigantes. O Zé Pereira, uma figura tão amada dos portugueses é um espelho de cada um e de todos nós: ele tem em si todos os portugueses do Mundo! Grandioso, actua em feiras, festas populares, cada vez se vê menos porque as coisas populares estão a perder popularidade, fazem lembrar os Circos – alguns ainda por aí andam, mas são poucos; os Zés também são cada vez menos mesmo entre os “verdadeiros” portugueses. É ir a uma escola e tentar descobri-los! Não há, como também já quase não há Marias, mesmo Franciscos ou Jaimes escasseiam, agora só há Sandras-Vanessas, Raqueis-Tatianas, Alexandras-Carolinas, não há Marias-Pereiras, mas isso parece que nunca houve...(e também só há Rubens, Hugos, Nicolaus), não há Manuel nem Joaquim; isto faz lembrar outra revolução silenciosa que foi a mudança das placas de pedra, nas estradas, trocadas todas por placas plásticas – a Revolução à nossa medida, unitária?

O Zé diz: onde fores eu vou: eu sou o que tu queres ser: um pequeno-gigante, aqui, à mão, sempre ao dispor. Sim, porque nós não queremos ser mesmo grandes, Gigantes, isso faz-nos aflição, desde que nos ensinaram que somos pequeninos, ficámos provisoriamente reduzidos aos Gigantones. Ainda por cima o Zé Pereira terá surgido no Carnaval de 1846. Um português radicado no Brasil, saiu à rua batendo num tambor. Esta ideia fez sucesso e logo apareceram imensos adeptos. Mais uma coisa que nos une ao Brasil, o Zé Pereira, um dos símbolos de Portugal e também do Brasil, cada dois à sua maneira, estes povos, são um bando de Zés Pereiras; mas há pior, muito pior, mundo largo, gente assim tem bom coração, lá no fundo!

Carlos Mota.